

Melina Roberto Rovina<sup>1</sup>

*A Grande Emigração*. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil, de Emilio Franzina<sup>2</sup>

*“ (...) e se até mesmo um terço de nossos habitantes tomassem o rumo da América, não se seguiria a isso uma grande desgraça no cultivo dos nossos campos, os quais por (...) outros desenvolvimentos que a ciência sugere, serão tratados igualmente ou talvez até com mais empenho. (...) e se (...) a retirada imediata de certa parte dos braços agrícolas pudesse levar, no início, a um pequeno prejuízo, sentiria por outro lado alívio de descarregar em outro lugar a exuberância do número (...)”*

P. Biasutti, “Cause, effetti e rimedii dell’emigrazione transatlantica”, 1878, fonte citada por Franzina.

**E**migração — um dos termos que mais chamam a atenção do leitor no título e na obra aqui resenhada — remete a uma perspectiva diferente sobre o estudo do fenômeno migratório que envolveu milhões de trabalhadores e milhares de famílias italianas no período de 1866 ao final do século XIX. Emilio Franzina, historiador italiano da Facoltà di Lettere e Filosofia da Università degli Studi di Verona, viveu bem próximo à região do Vêneto, de seu próprio objeto de estudo. Amparado em fontes originais, o

---

<sup>1</sup> É graduanda em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista da FAPESP. Com orientação de Michael McDonald Hall, desenvolve projeto de Iniciação Científica sobre as formas de representação do imigrante italiano nos jornais paulistas e autos-crimes do estado de São Paulo para o caso dos anos 1890.

<sup>2</sup> FRANZINA, Emilio. *A Grande Emigração*. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil, tradução de Edilene Toledo e Luigi Biondi. Campinas: Unicamp, 2006. 480 p.

autor analisa a saída dos emigrantes dessa região e vai além das interpretações globalizantes baseadas nos fatores de atração e expulsão, próprios daquele contexto. O estudo volta-se, principalmente, para os chamados elementos “expulsores”, buscando analisar características próprias da Itália, criadas e articuladas em seu território por diversos elementos de além-mar e pela formação das classes dirigentes, as quais acabaram por dar corpo à “grande emigração”, um fenômeno global porque, além de compor a história específica da Itália no século XIX, é parte da história do capitalismo.

Livro publicado em 1976, *A Grande Emigração*, como toda e qualquer obra, revela características de seu contexto de produção, quando a grande preocupação era com a “bilateralidade regional” do fenômeno migratório e as consequências culturais e econômicas nos processos de nacionalização e modernização presentes nos dois “lados” do Atlântico. O prefácio de Franzina revela que sua obra procurou elaborar “de forma mais madura (...) as intuições e as linhas de pesquisa que já estavam presentes” (p. 12) em 1976. Nessas páginas que antecedem a obra original, o autor se debruça sobre sua própria produção, sob o ponto de vista de um historiador, agora mais experiente, mostrando as principais temáticas de sua obra e que ainda possuem atualidade suficiente para impulsionar novos estudos, tendências e preocupações da historiografia italiana.

Depois de um longo caminho de pesquisa, sempre caracterizado por uma intuição muito apurada, o resultado é um livro muito eclético que analisa e cruza diferentes fontes históricas, literárias e debates da produção historiográfica sobre o tema. A escolha em tratar do Vêneto deveu-se, segundo o próprio Franzina, à “intuição” de que esta região seria um “observatório” privilegiado se acompanhado do pressuposto da influência americana no problema da emigração. Para o autor, essa dimensão regional teve importância notável na história sobre as condições conjunturais e específicas de um momento de crise agrária dos lugares de partida desses emigrantes no fim do século XIX, como foi o caso da Itália.

Sua tese central é a de que as classes dirigentes italianas — proprietários de terra, políticos, jornalistas, católicos e literatos — exerceram influência ampla e heterogênea para que a emigração ocorresse e tomasse enormes proporções. Para desenvolver sua pesquisa, Franzina dividiu o livro em duas partes.

Na primeira, reconstrói o capítulo da emigração italiana para redescobrir o significado histórico do fenômeno. Pretende não apenas descrever os fatos e apresentar as fontes, mas explicar *com* a reconstrução dessa história, partindo do conceito de emigração como um fenômeno demográfico e econômico inserido na conjuntura política da Itália desde a unificação. A emigração emerge articulada, portanto, com as condições da agricultura, as polêmicas entre emigrantistas e antiemigrantistas, a ação de católicos e socialistas e o nascimento de mitos ligados à expansão emigrantista.

Ainda na primeira metade do livro, Emilio Franzina demonstra a complexidade da economia e sociedade italianas do século XIX, além de analisar as continuidades entre os discursos do momento da origem do fluxo migratório (décadas de 1860-1870) e do primeiro grande ciclo migratório (década de 1880), tratando dos aspectos quantitativos e demográficos desse fenômeno. Ao dedicar um capítulo à questão demográfica do êxodo, insere reflexões sobre outras teses e análises para estudar a emigração de forma mais global. Recorre, por exemplo, aos “fatores atrativos” ligados às descrições da América, fatores muito importantes quando se trata de um êxodo de enormes proporções. Investiga também as formas pelas quais a emigração fora entendida pelos estudos “quantitativos”, muito influenciados pelo chamado “dilema da atração e da expulsão” na área demográfica. Franzina atenta para os problemas das generalizações: trabalha com o caso específico do Vêneto e, ao mesmo tempo, com um fenômeno que ocorreu em boa parte da Europa e que comporta tanto as saídas dos trabalhadores do continente como a migração interna na Europa e na própria Itália.

Um dos conceitos desenvolvidos pelo autor nessa primeira parte do livro, e utilizado em toda a obra, é o de “ambivalência semântica do êxodo”, a qual revela a preocupação de sempre procurar entender a duplicidade — ou a multiplicidade — de intenções presentes nos discursos das fontes quando estas envolvem uma defesa feroz de algumas instituições. Neste sentido, Franzina procura explorar o “caráter dialético” dos discursos relativos ao êxodo porque estes podem, aparentemente, pensar a emigração como um problema para o desenvolvimento da Itália, mas o que pode prevalecer é a defesa e a preferência pela promoção da emigração. É o que acontece, por exemplo, com alguns discursos contrários à emigração que suscitam uma multiplicidade de

significados e interpretações ao mesmo tempo em que apresentam clichês antiemigrantistas, fortalecendo e legitimando a defesa dos interesses dos proprietários, da imprensa, do Estado, em nome de um desenvolvimento da Itália baseado na própria emigração. Este é o chamado “antiemigrantismo amaneirado” dos proprietários.

Sobre os interesses das classes dominantes do Vêneto, Franzina escreve que, até a década de 1890, “(...) o alcance [do comportamento e do interesse dos proprietários] não ficava circunscrito ao âmbito de uma genérica solidariedade de classe facilmente previsível e óbvia, mas chegava até a compreender todas as articulações de um modelo específico de desenvolvimento, no qual o fenômeno migratório é não só acolhido, mas procurado” (p. 152). Assim, mais uma vez, o autor opera com a complexidade da sociedade italiana e com a análise discursiva das fontes, sempre as relacionando com o contexto e propósito de produção e com a situação econômica, política, social e demográfica da Itália, em especial do Vêneto, lugar onde foi possível a junção dos interesses de agricultores, do clero católico e dos homens da burguesia industrial e financeira, sendo “(...) um dos poucos lugares onde as classes dirigentes, para as quais a eliminação de uma massa excedente de camponeses constituía uma necessidade inadiável (...), conseguiram parecer por tanto tempo e com tanta eficácia aflitas, preocupadas, contrariadas e comovidas pelo espetáculo de uma emigração maciça e contínua de camponeses, cujo fluxo somente poderia ser freado por um conjunto de escolhas políticas e econômicas diametralmente opostas ao proposto pelas próprias classes dirigentes” (p. 149).

Na segunda parte, *A Grande Emigração* se volta para o êxodo dos camponeses, propriamente dito, e para as discussões dedicadas ao fenômeno da emigração. O autor busca descrever o primeiro momento do êxodo por meio da análise das polêmicas presentes no debate jornalístico e cultural, as quais mostram um viés ligado a um *corpus* de doutrinas emigrantistas e antiemigrantistas.

Depois de reconstruir os significados de “miséria”, “subalimentação” e “exploração” para um camponês decidido a emigrar, Emilio Franzina, tomando todos os cuidados com os perigos do anacronismo, analisa o que chamou de “sátira do emigrante”, ou seja, o preconceito anticamponês dos burgueses e dos proprietários de terra que cria representações dos *braccianti* desde o *Risorgimento* e que recebe novos significados no contexto

da emigração. Para isso, identifica as origens destas representações para perceber a “sedimentação” dos significados que acabam por defender a emigração. De *camponeses* “vilões”, “espertos ladrões”, “demônios”, estes trabalhadores passam a ser representados, principalmente pela imprensa emigrantista, como *emigrantes*, mas ainda como “pestes”, “ociosos” e homens cheios de vícios. Baseada, então, no preconceito e na tradição anticamponesa dos proprietários e “valendo-se do apoio esporádico e fragmentário, mas altamente significativo, daqueles que não condenavam a emigração ou até mesmo defendiam o seu aumento, a ‘sátira do emigrante’ pôde, então, tomar corpo e prosperar por anos, desmentindo a ideia de que, em função do fato ‘fisiológico’ do êxodo rural, só teria podido desenvolver-se na Itália uma tendência melodramática e vitimista à autocomiseração e ao lamento” (p. 241). Há sempre, por parte do autor, a tentativa de estudar a história das classes dirigentes do Vêneto e de se aproximar das visões de mundo e dos próprios conceitos dos camponeses, embora os historiadores tenham dificuldade em estudá-los devido à escassez de fontes dessa mesma realidade.

É também na segunda metade da obra que o autor se mostra mais preocupado com as sensibilidades, os modos de vida e as “concepções mentais” desses camponeses emigrantes, baseando-se nos estudos de Carlo Ginzburg sobre a busca de fontes que remetem à cultura oral dessa “gente sem história”. Franzina desenvolve, portanto, o conceito de “autonomia camponesa”, ou seja, as maneiras como o próprio emigrante viu o fenômeno migratório. As fontes localizadas pelo historiador fornecem elementos distantes da esfera de valores burgueses e políticos do Estado e devem ser levadas em conta para a compreensão da relação entre os habitantes dos campos vênéticos do século XIX e o fenômeno migratório.

O historiador italiano escreve que, para os camponeses, a emigração significou, entre outras coisas, uma alternativa ao desemprego e à sindicalização das massas. Nas interpretações camponesas sobre a emigração, haveria algo novo e distante do universo dos proprietários e, por isso, estes não conseguiam entendê-las. Dentre as visões sobre a emigração, o autor analisa muito bem aquela que se associa ao mito do *país da Cocanha*, no qual, em um misto de folclore e carnaval popular, a emigração remete ao significado de *libertação da necessidade*, de abundância e refúgio próprio de um mundo novo.

Diante do ecletismo de Franzina, muitos outros temas são analisados em sua obra, sem que o foco do fenômeno migratório se perca. Dentre eles, o autor recupera as formas de religiosidade camponesas relativas à emigração, analisando a tutela católica sobre a emigração e a influência de socialistas e literatos italianos na diminuição do potencial contestatório e revolucionário da manifestação autônoma da religiosidade e da cultura dos camponeses. O interessante é que *A Grande Emigração* nunca perde de vista a influência de diversos grupos e doutrinas da Itália no grande êxodo porque estes são próprios do Vêneto, lugar-teste para muitas criações ideológicas e mitos colonialistas, e onde se deu, nas palavras da epígrafe acima, o “alívio de descarregar em outro lugar a exuberância do número”.